

Modesta Homenagem a João dos Santos

Solicitado para escrever sobre João dos Santos, fiquei como é meu hábito, perplexo. Com as minhas dificuldades para escrever, sobretudo sobre conteúdos mais ligados aos aspectos afectivos do que ao cognitivo, senti que teria de fazer um enorme esforço para alinhar um pequeno escrito, mas não poderia deixar de o fazer visto tratar-se de um amigo que muito admiro. Realmente a prosa não me sai fluente e tudo o que há de mais valioso e coerente escrito sobre o Instituto da Criança (o imaginário e o real) está já feito pelo próprio João dos Santos. Revi no entanto alguns dos seus mais recentes trabalhos, bem como documentos «antigos» do Ministério das Corporações e Segurança Social, Comissão para a Política Social Relativa à Mulher, de 1974. No entanto do que li e reli está já referenciado na obra «A Caminho da Utopia. Um Instituto da Criança». Estava pois tudo dito: O Instituto «real» só difícil e lentamente se acomodará ao primeiro modelo de Instituto, este último próximo da utopia e também a realidade de 1984 é muito diferente da de 1974. No entanto havia coisas que poderia dizer, ou pelo menos que eu recordava àcerca deste e doutros «Institutos». É só disso que por agora faço testemunho.

Solicitados muitas vezes, João dos Santos e eu próprio, no «ancien regime» (para não dizer nomes feios), para «colaborar» com os órgãos do poder sobre assuntos que diziam respeito às crianças e sobretudo àquelas com problemas, encontrávamo-nos nessas reuniões, cúmplices e com o coração pequeno. O irrealismo e a incompetência por parte das «autoridades» (salvo raras e honrosas excepções), deixavam-nos inquietos e receosos do que poderia vir a acontecer às crianças, ou o que poderia acontecer às nossas sugestões, uma vez utiliza-

das por ópticas diferentes. Medos infundados, pois a maioria das vezes, as nossas sugestões, pareceres ou decisões, morriam nas secretárias e gavetas, sem que nada «realmente» acontecesse às crianças portuguesas e seus pais.

Entre o dramático e o anedótico recorro algumas dessas reuniões que só o afecto e o saber de João dos Santos permitia que tivessem algum desfecho possível. Recorro também aquele seu ar prazenteiro e afectuoso, as suas sugestões que embora irónicas não chegavam a ser agressivas e permitiam que se avançasse. Enfim, lá sugeríamos legislação, estruturas, articulações de serviços, habitual da rotina dos grupos e das comissões de trabalho. Muitas foram as sessões em que estivemos juntos nas várias comissões a que pertencemos e sempre pude apreciar a «sagesse» e a humanidade deste grande amigo e cientista.

Terminado em 25 de Abril de 1974, sob certos aspectos, o «ancien regime», logo nos reencontrámos numa nova «comissão». No entanto desta vez estávamos com as esperanças renovadas, pois finalmente poderíamos colaborar com as autoridades como cidadãos e cientistas tentando melhorar a situação das crianças portuguesas. Entre muitas sugestões, documentos e até legislação sugerida e concretizada, surge também por iniciativa de João dos Santos, a criação de um Instituto da Criança e de novo remeto o leitor benevolente para os trabalhos já publicados.

No entanto seria necessário esperar por 1983, para que sob a iniciativa da Dr.^a Manuela Eanes o Instituto se concretizasse. Será seguramente outro Instituto, pois os tempos mudaram, várias estruturas se foram criando e o «espaço» embora não ocupado inteiramente, ficou menos «disponível» para o Instituto como primeiramente fora concebido.

No entanto falta e continuará a faltar algo parecido com o «Children Bureau» americano criado em anos 20 ou o inglês de anos 50, algo que fora do Estado e das suas engrenagens burocráticas e administrativas consiga ser um órgão criativo e dinamizador que possa contrapor-se até ao próprio Estado e à comunidade em geral, sempre que os direitos da criança não são cumpridos.

Oxalá o novo Instituto seja capaz de tal missão. Aliás está nas nossas mãos torná-lo cada vez mais próximo da utopia o que quer dizer da realidade.

Saibamos nós todos encontrar-lhe o espírito e a matéria.

Lisboa, Dezembro de 1984